

OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

XXIX Volume

20 de Março de 1906

N.º 980

Os Novos Reis da Dinamarca



S. M. O REI FREDERICO VIII



S. M. A RAINHA LUIZA

Chronica Occidental

Exactamente quando as primeiras folhas muito verdes, muito alegres, começavam vestindo de grande gala as arvores, o céu, que tivemos to-to azul sem mancha como turqueza preciosa, poz um manto de meio luto, e o peso da atmosphera desafinou o temperamento dos nervosos.

O enfarruscamento dos altos deu-se tambem nos espiritos, e, quando o sr D. Carlos chegou de Madrid, veio achar o seu reino macambuzio e malhumorado. O homem macaco, menos dado a admitir convenções, electrisado, sahio para o Rocio a fazer das suas, e muitos invejosos pensariam que não se lhes daria de ter musculatura igual para tambem, pela mesma forma, distender um bocadinho os nervos irritados.

Entroviscou-se o céu, entroviscou-se a politica. Os boatos de crise andaram outra vez por ahi correndo e avolumaram-se depois da visita do Sr. José Luciano a El-rei, que, segundo consta, se negou a assignar decretos dictatoriaes para que era reclamada a sanção répia.

Tanta vez, porém, atoardas d'esta ordem haviam sido desmentidas, que muitos lhe não davam agora importancia como outras lhes mereceram. Vive-se d'isto: uns com sustos, outros com esperanças, alguns de sustos e de esperanças, conforme o palpito do melhor vento.

Mas o vento d'esta vez, soprou contra os progressistas. O sr. José Luciano teve que pedir a sua demissão e a do ministerio a que presidiu.

Foi o sr. Hintze Ribeiro chamado ao paço e, domingo á noite, já os nomes dos novos ministros eram quasi todos conhecidos: teremos o sr. Antonio de Azevedo na marinha o sr. Wenceslau de Lima nos estrangeiros, o sr. Teixeira de Sousa na fazenda,



O Rei Affonso XIII e Sua Noiva, a Princesa Victoria de Battenberg, sahindo da Capella Real de Miramar, onde se realisou a conversão da Princesa ao Catholicismo

o sr. Pimentel Pinto na guerra, o sr. Campos Henriques na justiça, e o sr. Pereira dos Santos nas obras publicas.

Tanta vez sem razão se falou na queda do ministerio, que não deixou de ser surpresa o ella effectuar-se, quando tão pouco as fantazias estavam para ahi norteadas e a grande discussão so versava sobre as proximas eleições.

Seria a surpresa que afogou nas gargantas as declamações durante as pimeiras horas, ou seria o calor, que veio de repente e amolleceu as melhores energias? As discussões correm na verdade, sem grandes entusiasmos.

A primavera tão cantada não é dentro dos muros de Lisboa a mais linda estação do anno, muito vencida em belleza por aquelles primeiros dias de suavissimo outomno que derramam sobre a cidade o mais lindo oiro. A primavera tem sempre uns dias d'estes, pesados, excitadores dos nervos. Mais tarde saberá desferrar-se, quando as arvores já derem sombra e as olaias da Avenida forem cantadas por toda a poetica garotada dos pardaes.

Não tarda a semana santa e já os lojistas de Lisboa andam n'uma azafama, cuidando de chamar para seus mostradores a attenção dos devotos visitantes das egrejas.

Pena é que dias que eram na cidade tão característicos fossem perdendo grande parte do que os tornava famosos. As senhoras abandonaram as mantilhas, que tão perfeitamente ficavam sobre seus cabellos pretos, e o costume que exigia que n'esses dias não andassem de carruagem, deixava que todos pudessem admirar algumas formosuras mais avaras.

Já as procissões se realisaram dos Senhores dos Passos da Graça e do Desterro. Já vai a quaresma quasi em meio, já se vão preparando os vistosos cartazes das primeiras toiradas.

Pudesse o sol, ao romper de vez as nuvens côr de chumbo e de fuligem, trazer á terra ao mesmo tempo com os fructos, que tão boas esperanças estão dando aos lavradores, uma certa quietação aos espiritos.

Se por ahí, nascidos de qualquer circumstancia, os boatos não são tranquilisadores, também não podemos ir buscar motivos de socego aos telegrammas que nos chegam de além das fronteiras, corra a gente o mundo por onde quizer, do norte ao sul, de leste a oeste.

Em Barcelona rebentaram agora conflictos entre os estudantes. Os catalanistas invadiram o edificio da Universidade e apedrejaram os companheiros que assistiam ás aulas, Receia-se que este primeiro movimento venha a ter ainda consequências muito serias.

Em Madrid, os deputados que são jornalistas abandonaram o parlamento, onde não voltarão enquanto ali forem discutidas as questões que dizem respeito á imprensa, como já o fizeram os republicanos, carlistas e catalanistas. Os jornalistas, que, na tribuna que lhes é reservada, tomavam as notas, imitaram o procedimento de seus collegas. Dois deputados jornalistas, que eram directores geraes das obras publicas e da agricultura, foram demittidos de seus cargos.

Muito peor foi o que se deu em Marrocos, onde um cherife, ha pouco chegado do interior, pré-gou na mesquita de Tanger a guerra santa. Mereceram sobretudo seus odios os conferentes de Algeciras. Muitos mouros, excitados pelo pré-gador, deixaram de mandar seus filhos ás escolas christãs. O ministro inglez já chamou a attenção das auctoridades para as coleras inflamadas no povo por estas predicas, mas a população moura não consente que lhes calem o pré-gador. As legações preveniram-se contra qualquer possível ataque dos mussulmanos.

Uma questão religiosa em Marrocos, como se não fóra bastante o que vae pela França por motivo dos inventarios nas igrejas, onde as desordens, as barricadas e a defeza dos catholicos contra a força armada continuam com violencia! Na Chartreuse as tropas foram pelos camponeses recebidas a tiro, e as que marcham agora levam dezasseis cartuchos embalados.

Os antimilitaristas continuam também trazendo á republica o desasocego. Em Brest os rapazes apurados na inspecção para o serviço militar andaram percorrendo as ruas da cidade, entoando cantigas revolucionarias, parando em frente dos quartéis e dando gritos de abaixo o exercito.

Mas as peores novas que nos vieram de França foram as de Courrières, em cujas minas, por motivo d'uma explosão de grisu ficaram enterrados mil e tantos homens. Actos de heroismo praticados pelos sobreviventes ou pelos allemães que em auxilio dos desgraçados para lá partiram, mandados pelo Imperador Guilherme, poucas vidas salvaram. Os desmoronamentos nas galerias e poços, os gazes irrespiraveis, as emanações dos cadáveres, impediram os trabalhos de salvamento. Muitos mais audaciosos e dedicados seus companheiros, foram augmentar o numero das victimas. O quadro é horroroso. Bastará dizer se que d'uma familia de cincoenta membros um só resta que a possa chorar. Os mais felizes são os mortos e os que teem endoicido. E dizer-se que era enorme o dividendo d'aquellas minas repartido pelos accionistas!

Tamãha desgraça commoveu o mundo inteiro. Ainda ha caridade em muita gente para oppôr-se ao egoismo de muitos.

Em Lisboa continuam as commemorações fúnebres pelas victimas do desastre do *Aquidaban*. Realizou-se o bando precatorio no passado domingo, sahindo do Terreiro do Paço, percorrendo as ruas da Baixa e a Avenida e colhendo perto d'um conto de reis. Na noite d'esse dia, foi a sessão na Sociedade de Geographia, falando eloquentemente os srs. Ferreira do Amaral, Magalhães Lima, Senna Freitas e Veiga Beirão.

Ainda alguns espectáculos se hão de realizar em favor das victimas da horrivel catastrophe. Interver-se-hão talvez com os projectados espectáculos a favor da ideia do monumento em honra de Camillo e auxilio á sua familia. Os srs. Pacini, empresario de S. Carlos, e Joaquim Costa, gerente do theatro de D. Maria, já puzeram suas salas á disposição da commissão, que na Camara Municipal de Lisboa se tem reunido para tratar do assumpto.

O tempo tem de ser aproveitado, que a estação theatral vae no fim.

No theatro de D. Maria foi com novo e verdadeiro exito representada a *Ceia dos Cardeaes*, que levou como companheiras *O Rei Selenco* e

o *Morgado de Fafe*. Um espectáculo digno, como se vê, do theatro normal.

S. Carlos vae também dar que falar onde quer que os assumptos lyricos interessem.

Vamos ter entre nós Leon Cavallo, Saint Saens, Giordano e Perosi, que regerão a orchestra nas suas composições. Noites memoraveis vão ser e a grande arte, d'esta vez, tem que agradecer ao sr. Pacini o collocar tão alto o nosso theatro lyrico.

E' sempre uma alegria podermos citar factos de lembrar, quando se trata de arte em Portugal. E não escassearam assumptos d'esta vez: theatro, musica, bellas artes.

Nem menos de duas exposições agora teem estado abertas: um esculptor se nos apresentou recém-chegado de Paris, o sr. Silva Gouveia, a cujo talento original toda a imprensa lhe tem prestado homenagem e o publico concorrido á exposição realisa na sala da casa Bobone. Um verdadeiro encanto muitas das estatuetas apresentadas, engraçadissimas as caricaturas. E' um artista cuja personalidade se affirmou brilhantemente. Assim se affirmou a dos alumnos da Academia e pens onistas no estrangeiro, cujos trabalhos merecem toda a attenção e nos dão direito a fundadas esperanças de que breve teremos em Portugal novos artistas que nos honrem, honrando seus mestres.

São estes os factos mais importantes na vida de Lisboa estes ultimos dias. Não foram poucos. Fora da cidade, citaremos as corridas de automoveis, cuja primeiro premio coube ao sr. Carlos Bieck. O seu automovel *Fiat* percorreu o kilometro da estrada de Vallada em 43 segundos.

Tornamos, sem querer, a pensar no homem macaco, na velocidade extraordinaria em que elle atravessou um americano em marcha.

Poderiamos também haver pensado na rapidez com que de sexta para sabbado muitos sonhos se aluiram e muitos sonhos despertaram.

Ou não tivéssemos ministerio novo.

JOÃO DA CAMARA.

Os novos reis da Dinamarca

Pela morte do rei Christiano IX, occorrida em 29 de janeiro proximo passado, succedeu no throno da Dinamarca seu filho o principe real Christiano Fr. derico Guilherme Carlos, que nasceu em Copenhague a 3 de junho de 1843.

O novo rei adoptou o nome de Frederico VIII, indo assim procurar a linha de successão dos antigos reis da Dinamarca de que o ultimo foi Frederico VII.

Frederico VIII sobe ao throno com 62 annos completos, tendo casado em Stockholm a 28 de julho de 1869 com a Princesa Luisa Josephina Eugenia, filha do fallecido rei Carlos XV da Suecia e Noruega, a qual nasceu em Stockholm a 31 de outubro de 1851.

Deste casamento nasceram oito filhos: Christiano Carlos, hoje o principe herdeiro, que nasceu em Charlottenlund a 26 de setembro de 1870, e casou em Cannes a 26 de abril de 1898 com a duquesa Alexandrina Agostinha, filha do fallecido Gran-Duque Frederico Francisco III de Mecklembourg-Schwerin, nascida a 24 de dezembro de 1879; Christiano Frederico Carlos que nasceu em Charlottenlund a 3 de agosto de 1872, e casou a 22 de julho de 1896 com a princesa Maud Carlota Maria Victoria, filha do principe Alberto Eduardo de Galles hoje rei de Inglaterra, e que nasceu em Marlborough-House a 26 de novembro de 1869; Luisa Carlota que nasceu em Copenhague a 17 de fevereiro de 1875 e casou com Frederico George, principe de Schaumbourg Lipp, que nasceu a 30 de janeiro de 1868; Harald Christiano que nasceu a 8 de outubro de 1876; Ingeborg Carlota, que nasceu a 2 de outubro de 1878 e casou com o principe Carlos Guilherme da Suecia e Noruega, Duque de Vestrogothie, nascido a 27 de fevereiro de 1861; Thira Luiza, que nasceu a 14 de março de 1880; Christiano Frederico, que nasceu a 4 de março de 1887; e Dagmar Luiza, que nasceu a 23 de maio de 1890.

O novo rei da Dinamarca é irmão da rainha Alexandra de Inglaterra e Imperatriz das Indias, e pae do novo rei da Noruega (1).

Frederico VIII fez a sua educação militar servindo no exercito desde a idade de 17 annos ascendendo ao posto de general e inspector geral

do exercito a que tem dedicado seus estudos, sendo também formado em direito pela universidade de Oxford, que cursou.

Por 1868 fez sua viagem de instrucção pela Europa completando assim a sua educação de principe a quem estava destinado um throno.

A melhor escola, porém, para aprender o seu officio de rei, teve-a seguramente em seu pae, que foi um modelo de reis constitucionaes.



A Princesa Victoria de Battenberg noiva do Rei Affonso XIII

Breve se vae realizar o casamento de Affonso XIII de Hespanha com a Princesa Victoria de Battenberg, sobrinha do Rei Eduardo VII de Inglaterra.

Este casamento annunciado ha já bastante tempo pela imprensa europeia com certa reserva, em consequencia da princesa ser protestante e o rei de Hespanha catholico, está officialmente resolvido.

A princesa Victoria de Battenberg resolveu por muito livre vontade converter-se ao catholicismo para o qual tem natural inclinação, podendo assim, sem contrariar suas convicções religiosas, realisar seu enlace amoroso e satisfazer, por ventura as conveniencias politicas que o seu casamento envolva.

A conversão ao catholicismo da Princesa Victoria de Battenberg, teve lugar, no dia 7 do corrente, na capella do palacio real de Miramar, cerimonia que se realisou quasi em familia, assistindo o Rei Affonso XIII e a Rainha Christina, as infantas, o presidente do conselho, alguns ministros e empregados do Paço.

Foi madrinha da Princesa a Rainha Christina e celebrante o bispo de Nottingham, que entregou á neophyta um crucifixo de ouro e uma medalha contendo um autographo enviado por Pio X juntamente com a benção papal.

Como dissemos, a Princesa Victoria é sobrinha do Rei Eduardo VII, pois é filha de uma irmã d'este monarcha, a Princesa Biatriz da Gran-Bretanha e Irlanda, a qual casou com o Principe Henrique de Battenberg, que falleceu em 20 de janeiro de 1896.

A Princesa Victoria Eugenia Eva de Battenberg, nasceu em Balmoral, a 24 de outubro de 1887, contando por isso pouco mais de desoito primaveras, em que sua formosura desobrocha com todos os encantos da mocidade.

A familia da gentil princesa é soberana no gran-ducado de Hesse, de que é Principe seu tio Luis de Battenberg, almirante da primeira esquadra ingleza, que no anno passado esteve no Tejo em viagem para os Estados Unidos, e tem tres irmãos, os principes Alexandre, que nasceu em 1886, Leopoldo, que nasceu em 1888 e Mauricio, que nasceu em 1891.



O Passeio Publico do Rocio e a Avenida da Liberdade

Depois do terremoto de 1755, o mais demolidor e proveitoso de todos os municipios que temos tido e que tão barbaramente civilizou Lisboa, obrigando-a a alargar-se para fóra do seu antigo circuito com uma abençoada brutalidade, um facto houve, de muito menor importancia real, mas de uma alta significação social, que, ainda em nossos dias, veio a dar um resultado semelhante. Refiro-me á extincção do Passeio Publico.

Gusta crêr, como a simples demolição de um logradouro publico, deu em resultado a expansão prodigiosa da cidade até o ponto em que hoje a vemos. Mas é fóra de toda a duvida, que foi a queda do Passeio o motivo principal e essencial desse movimento expansivo que, ainda hoje, quasi trinta annos decorridos depois do seu inicio, se conserva em toda a sua força e em toda a sua pujança.

Passados setenta ou oitenta annos sobre o terremoto, o alargamento da cidade que tão aceleradamente se manifestára então, alfoixára sensivelmente na direcção do poente e quasi se extinguiu para o norte.

Até 1880 Lisboa estêve, póde dizer-se, estacionaria. Os municipios, cuja acção demolidora era indecisa e mal orientada, não conseguiram auxiliar essa expansão com o favor do publico.

O projecto da abertura de uma nova avenida,

(1) Vide presente vol. paginas 17 e 18

tão discutido, e que tanta celeuma levantou por esse tempo, foi bem custoso de realisar-se. A opinião publica protestava. Cobriam-se de milhãres de assignaturas os abaixo assignados contra o novo projecto, e não exagerarei se disser que se choraram lagrimas de saudade por aquelle recinto tão decantado e querido das gerações que nos precederam, e que tinha de sacrificar-se ao aformoseamento da cidade. Os muniçipes não podendo já contemporizar com o publico enchendo-se de coragem e, arrostando as iras populares, sentenciaram a morte o Passeio Publico.

Estava quebrado o encanto! Lisboa, essencialmente rotineira, protestou primeiro, conformou-se depois e acabou por aplaudir a iniciativa municipal quando, passados annos, depois da demolição do Passeio, do circo Price e de tantos outros factores sociais, que lhe determinaram uma época, pôde vêr rasgar-se, imponente e majestosa, a nova avenida, de onde hoje irradiam, a cada momento, outras artérias a breve trêcho povoadas de innumerables edificios.

Das ruínas do Passeio Publico brotou a Lisboa de hoje, tão profundamente diferente dessa outra Lisboa, que o senhor Pinto de Carvalho nos descreveu no seu precioso livro e que, qual outra Fenix, renascera, em 1755, das suas proprias cinzas.

Como todas as grandes cidades modernas, — e Lisboa é uma grande cidade, apesar do que em contrario queiram dizer as más linguas indigenas — a nossa capital cosmopolitizou-se, perdendo em caracteristico o em pitorresco o que ganhou em progresso.

Oh! nada há como o progresso para inutilizar essas lindas bagatelas, essas preciosas ninharias que nossos avós tanto apreciaram, dando-nos em troca feiçissimas e desgraçadas comodidades! Da cadeirinha ao automóvel, quantas comodidades se ganharam, mas também quantas bellezas se perderam! As liteiras, as séges e as carruagens, que de França e de Inglaterra importamos, são phases curiosissimas dessa lenta e porfiada luta, do cômodo contra o bello, do progresso contra a tradição.

Até então foi Lisboa uma cidade portugueza de lei, teimosa nos seus anacronismos e nas suas velharias típicas. Acordava de manhã ao estridulo *au* dos aguadeiros, jantava á 1 hora e recolhia cedo. A burguesia divertia-se na Floresta Egipcia, onde o José Osti inventára passa tempos maravilhosos, e a arrai-miuda poltava no Baile Nacional, á Guia, e a nobreza frequentava os esplendidos salões do Viana, do Farrôbo, do Penafiel e do Carvalho. O Passeio Publico oferecia aos alfacinhas a sua alameda central conchegada como um salão, e onde se estava como que em familia. Umás noites por outras havia brilhantes illuminações e deslumbrantes pirotechnias. Lisboa em péso acotovelava-se então, enchia todos os recantos do Jardim, comprimia-se contra as grades, açoitava e curiosa, para vêr lacrimar os foguetes e ouvir o trêcho sentimental de alguma ópera em voga.

A cidade era perfeitamente outra, porque eram outros os factores da sua existencia, outras as suas condições de vida. De então para cá que vasto espaço transpôsto!

As séges de boleia e as de bandeirinha cruzando-se nas ruas, o tipico, hoje degenerado, galgo, com o classico barril encostado pelas esquinas, o bolleiro de niza, chapéu de pêlo e bota de cano, o preto caidôr e as suas patricias que apregoavam mexilhão, todos esses tipos bem portuguezes, bem caracteristicos enxameando pela cidade, davam-lhe um aspecto completamente diferente, imprimiam-lhe um cunho especial. Mas veio a Companhia das Aguas que matou o aguadeiro, vieram os *breacks* e os *mylords* que deram cabo das séges, veio enfim o Progresso exterminador por aquella clareira aberta pelo camartelo municipal.

O Passeio Publico foi, sem duvida, durante muito tempo um obstaculo á essa civilização. Extinto elle, o carro triunfal do progresso desceu a Avenida e entrou na capital.

Cançada já de resistir, Lisboa deixou-se emfim penetrar d'essa civilização. Começou a vêr novos horizontes e a têr outras ideias. Os alfacinhas entraram de pensar no aformoseamento da sua terra. Olharam-se e olharam-na. Viram-se atrasados, acharam pequenas as suas alamedas, exiguas as suas ruas, insignificantes as suas praças. O projecto do alargamento da cidade, que os pasmára pelo arrojô, começava a deslumbra-los. O que era julgado irrealisavel principiou a parecer-lhes possivel. D'ahi a exigir melhoramentos immediatos foi um passo. A camara exultou. Está a vingada!

Construir um predio, era aqui, ha 40 annos, coisa tão grave e tão maduramente pensada, como

uma viagem a Paris. Desde então, Lisboa principiou a edificar com menos calculo e mais amiude. Cada rua que se abria era logo povoada de casas, rapidamente erguidas dos alicerces, como por um encanto. Uma verdadeira febre de edificar invadiu a cidade!

D'essa febre resultou o bairro Camões, primeiramente, depois o Estephania, Barata Salgueiro, Campo d'Ourique, Calvario e Campolide, e agora, sem que haja um só momento de descanso, os bairros novos da avenida que se estendem para o norte de Lisboa, conquistam dia a dia e invadem a tranquilidade bucolica das hortas e das searas, do bulicio e do movimento da vida cidadã.

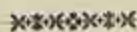
Todos os dias, a cada canto retirado dos suburbios lisboetenses, se deparam novos predios, como guardas avançadas da cidade que vem caminhando e está ali já perto; e todas essas edificações parecem rir-se pelas suas muitas janélas das buliças de madame Rattazzi que sorria, entre compassiva e trocista, d'esta boa cidade, cujo principal passeio tinha o desafôro de acabar na famosa Horta das Tripas.

Lisboa vingava-se exuberantemente desses e de outros grãcjos de turistas pouco amáveis. Onde hontem havia uma azinhaga, topamos hoje com uma avenida; onde ainda há pouco assentavam miserables barracas, levantam-se predios de cinco andáres, feios é verdade, mas imponentes como manifestação do movimento expansivo da cidade.

Ainda não há muitos annos, relativamente, tomavam-se banhos de mar em Belem, e familias havia que, ao entrar do verão, alugavam casa na Junqueira, com a convicção tão absoluta de que iam veranejar, como nós hoje, ao transportarmos com a familia para Cascaes ou Estoril. E ha já muito tinha começado o século XIX e ainda o velho conde de Mesquitella, ao chegarem os calôres de julho, dizia, todo satisfeito, para os filhos: *«Rapaças, está me o corpo a pedir campo. Vamos para Arroios.»*

E lá iam veranejar para o velho palacio de Arroios, que hoje apenas conserva de pé a nobre frontaria arruinada.

G. DE MATOS SEQUEIRA.



A Procissão dos Passos da Graça

E' crença popular em Lisboa de quando sae a procissão do Senhor dos Passos da Graça haver alteração no estado do tempo; assim se este vae sêco, em verão permaturo, logo chove, e se o inverno continua rigoroso, despenhando as catarras do ceu sobre a cidade, é certo que a primavera inoperará amena com seu sol doirado e ar morno a balejar-nos vivificante e alegremente.

Foi o que este anno aconteceu. Com a sahida da procissão sahio a primavera também, e era vêr a romaria de devotos, um tanto afoguetados do calor e dos seus fatos domingueiros, subindo a rua de S. Roque e enchendo o magestoso templo jesuitico, para beijarem o pé ao Senhor, devoção secular que este povo conserva e que é como balsamo consolador que a fé vasa em seus corações para lhes suavisar tantas dores da vida.

A procissão do Senhor dos Passos da Graça faz parte da existencia do lisboeta, e assim em quanto elle se desinteressa de muitos usos e costumes que o progresso tem banido, conserva esta procissão com a mesma ou maior devoção com que foi instituida no século XVI.

E' ainda em Lisboa um dia de movimento desusado o de Sexta Feira de Passos, a segunda sexta feira depois do entrado, e o lisboeta que se divertiu nos tres dias de folia carnavalesca, mascarando-se, sujando-se, rasgando-se, despe as trapices, enverga o seu melhor fato, e presuroso, de votos, vae a S. Roque, como que a penitenciar-se de suas faltas, a dirigir ao Senhor uma prece, a suplicar um perdão.

N'esta devota romaria todos se confundem, os ricos e os pobres, os nobres e os plebeus, os que vão com fé, os que vão por costume, uns e outros alguma crença tem, por que o ter crença é ter esperança e ai d'aquelle que desespera.

Alguma coisa de extraordinario ha n'esta devoção que tão viva se tem conservado atravez dos séculos; d'ella se contam lendas e historias, que, se diverjem na fórma não se prejudicam na essencia.

A lenda diz: Ao convento de S. Roque chegou certa noite um peregrino pedindo pousada, que lhe negaram por ser a horas em que a regra da ordem não permitia entrada a estranhos. O peregrino se foi

d'ali desconsolado em busca de agasalho, indo ter ao convento dos frades grãcianos, onde foi recolhido com sollicita caridade.

N'este convento se demorou cinco dias, ao fim dos quaes desapareceu sem se saber como, achando os frades na cela do peregrino uma imagem de Jesus Christo no passo doloroso da ida para o Calvario.

Esta imagem milagrosamente achada, foi exposta á veneração dos fieis, e logo principiou sua fama como muito milagrosa, o que mais augmentou a devoção.

Esta é a lenda que, como quasi todas, tem a sua parte maravilhosa. A historia, porem, mais humana, conta que outra foi a origem da imagem.

Eis a historia: Luiz Alvares de Andrade, homem muito conhecido pelas suas devoções em collocar quadros das almas do purgatorio pelas ruas de Lisboa, quadros que elle proprio pintava em madeira e em azulejos, como ainda muitos vimos por essa cidade, tentou fundar uma confraria da Santissima Cruz, pretendendo estabelecer-a na igreja de S. Roque. Os frades porem não poderam satisfazer a pretensão de Luiz Alvares, por não terem capella nem casa para dar á nova confraria.

Recebida a negativa dos frades de S. Roque, procurou Luiz Alvares de Andrade e mais alguns companheiros de suas devoções, outra igreja onde lhes fosse permittido realizar seu intento, e n'essa diligencia encontraram acceitação na igreja da Graça, cedendo os frades a capella do cruzeiro, do lado da Epistola, para ali se estabelecer a confraria.

Por aquelle tempo chegou a Lisboa um escultor italiano, de que se ignora o nome, o qual veio offerecer algumas obras da sua arte, entre ellas uma cabeça de Jesus Christo macerada e ferida dos tormentos da sua Paixão. Soube d'isto Luiz Alvares de Andrade e procurando o escultor italiano lhe comprou por tres crusados a dita cabeça que foi ainda offerecer aos frades de S. Roque para ali fundar uma confraria dos Passos, mas os frades jesuitas regeitaram o offerecimento e Luiz Alvares, veio ao convento da Graça onde foi acceite a sua offerta.

Completaram a imagem de rocca, vestiram-na e expozeram na á veneração do publico na mesma capella que acima referimos.

A vista de uma imagem que devia ser mais perfeita, vindo da Italia, onde a arte tinha seu berço, do que as que o publico de Lisboa estaria habituado a vêr nos altares, n'aquelles tempos, fez certa impressão, despertou, estamos certos, grande curiosidade, e tudo correu a vêr o Senhor dos Passos, que pela primeira vez era exposto nos altares das nossas igrejas.

A concorrência foi grande á igreja da Graça, a vista da imagem avivára a fé dos crentes, muitos lhe pediam graças, fazendo promessas, e os que alcançavam bom despacho das suas supplicas, divulgavam o milagre obtido, augmentando cada vez mais a devoção dos fieis.

Depressa se organisou irmandade e n'ella se inscreveram os mais nobres, os reis, os grandes do reino, e todos concorreram para dar o maior brilho e riqueza ao culto do Senhor dos Passos.

D'aqui nasceu o despeito dos frades de S. Roque, que tendo tido primeiro em sua mão tão preciosa imagem a regeitaram, e então foram para juizo alegar direitos de prioridade sobre a posse da devota imagem.

Custa a crêr que frades illustrados, como eram os da companhia, se abalançassem a tal demanda, num presumido direito tão contestavel; é possível, porem, que a ambição os cegasse, não lhes deixando vêr a improcedencia da sua causa.

Entretanto a sentença que obtiveram ainda lhes deixou um raio de esperança, pois que confirmando a posse da imagem nos frades grãcianos, estabeleceu que na vigilia da segunda sexta feira de quaresma viesse a dita imagem para a igreja de S. Roque, ficando a pertencer-lhe se pernottasse n'este templo alem da dita sexta feira.

Desde então se fez a procissão dos Passos com todo o tempo, e mais de uma vez tem recolhido á Graça debaixo de chuva e tempestade, para não ficar em S. Roque a imagem.

Vem de séculos esta procissão; vem dos tempos mais aureos da nossa historia interessando o povo e os reis, que, desde a dynastia de Bragança todos tem pertencido á irmandade do Senhor dos Passos da Graça, e todos tem dado valiosas offerendas á devota imagem. D. João V lhe offereceu um resplendor de ouro. D. José I concorreu para as obras da restauração da igreja, que o terremoto de 1755 arruinára. D. Maria I deu-lhe valiosas esmolas, e todos os reis de Portugal, desde então, vem visitar o Senhor dos Passos á igreja de S. Roque antes da procissão sahir.



O ANTIGO PASSEIO PUBLICO DO ROCIO, DEMOLIDO EM 1883



A AVENIDA DA LIBERDADE

(photographia Rocchini)

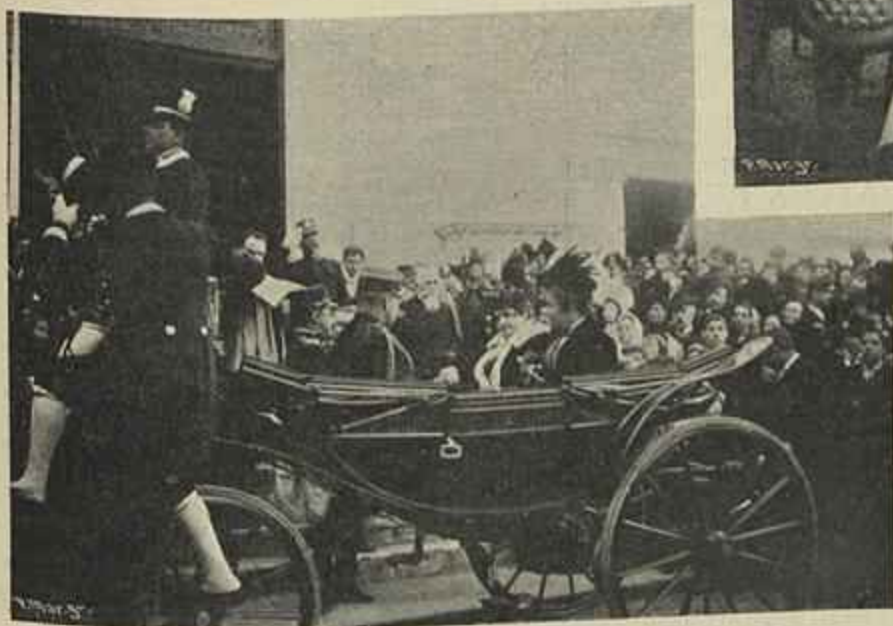
A procissão dos Passos da Graça

Tempo houve em que a flôr da fidalguia portugêsa se incorporava n'esta procissão, e muita vez lá vimos o marechal Duque de Saldanha, empunhando a vara de juiz, seguir junto ao andor.

Os tempos, porém, não tem feito esmorecer a devoção pela imagem do Senhor dos Passos da Graça, e quer seja na procissão, a mais respeitosa e acatada pelo povo, quer na sua igreja, onde todas as sextas feiras está exposto á veneração dos fieis, a concorrência é numerosa, todos ahí vão depôr suas offerendas, consolar a alma n'uma prece devota, buscar um alívio, trazer uma esperança.



CHEGADA DE S.S. MM. EL-REI D. CARLOS, R. D. AMELIA E S. A. O PRINCIPE D. LUIZ, Á EGREJA DE S. ROQUE



S. M. A RAINHA D. MARIA PIA E S. A. O INFANTE D. AFFONSO SAHINDO DA EGREJA DE S. ROQUE

"Esperança, crença e fé no futuro"

«Não é o genio dos poetas, infelizmente, que ha de nunca governar o mundo.»
João da Camara—O OCCIDENTE, n.º 977,
artigo *Chronica occidental*.

Não é meu o titulo que encima este estudo, e nem são minhas as seguintes quatro proposições que abranjem outros tantos periodos:



SAHIDA DA PROCISSÃO DA EGREJA DE S. ROQUE, S. Ex.ª O ARCEBISPO DE MITILENE CONDUZINDO O SANTO LENHO

«Vida florida entre a candura e o pudôr, perfuma, enleia e divinisa o amor que, depois se gera entre a castidade e a pureza.

«Amor que em nome de Deus ha de forçosamente despertar no coração dos dirigentes do mundo social os seus quatro pontos cardinaes—o bom e o bello, o justo e o nobre.

«O thrôno de Caím, que tem por pedestal o punhal e o canhão com que se esphacêla o peito de irmãos, está para

desabar mais cedo do que pensam muitos dos advogados da tyrannia, ante o imperio da crença, o qual, pura como vem do céu, de ha seculos sem conta ella não cessa de edificar na Terra.

«O direito da bêsta (o da força) por si mesmo se esconderá ante o esplendor da força do direito, que estabelecerá em lugar da lucta pela existencia a existencia da solidariedade humano-divina.—O munde tem constituido para muitos, o unico ponto de mira e o sonho delicioso na carreira da vida.

Mãos tintas de sangue ergueram-se nas primeiras idades d'este esferoide, nossa morada, e ainda conservam o vermêlho da côr, alimentado pela guerra.

Destino triste!—Visão pavorosa! Todavia, matisa nos prados a verdura da relva, o encanto das flôres e o esbater da luz solar em tão formoso tapete.

O homem gôsa quando contempla semelhante quadro de suavidade incomparavel, sente-se feliz perto das aras da Natureza, de onde se evola no aroma da vejetação luxuriante cada perola aquosa transformada.

E' certo que as harmonias dos campos são interrompidas algumas vezes pelo soido da luta; mas não perduram as interrupções nem significam ambição inconfessavel, téem como causa eficiente a defêsa dos ninhos por seus inimitaveis edificadores emplumados contra o ataque injusto das aves de prêsa.

No meio denominado social, quiçá por antonomasia, inventam-se pretextos de rapina e saborêam-se motivos de manutenção bélica.

O punhal e o canhão divisam-se com efeito, valendo de argumento a duas classes de homens imensamente parecidas, não obstante os maximos requintes de simulação que uma delas emprega para permanecer inconfundivel com a outra.



O SENHOR DOS PASSOS DA GRAÇA

(Instantaneos do sr. Alberto Lima)

As duas classes a que aludo perfilam-se, identificadas, na celebre frase atribuída a um pirata respondendo a Alexandre Magno.

Sim; porque os membros duma, tiveram a dita de galgar eminências, empunhando o léme da governação dos Estados, são ilustres e grandes senhores, porque, menos eleitos da fortuna, os membros da outra não alcançaram ainda o poder, são antes perigosos, assassinos cobardes, vilíssimos salteadores.

Isto, é o rejisto imparcial da filosofia por um lado; por outro lado, ainda hontem, por exemplo, acabámos de assistir a uma guerra tremenda entre dois imperios, tendo como causa uma disputa de posse territorial por conquista. A que estará hoje reduzida aquélla famosissima circular de Nicolau II, convidando a humanidade á paz?

Sobre que problemas de justiça e de direito cogitarão agora, os representantes do Japão, delegados ao congresso inaugurado em Haia, no dia 27 de maio de 1899?

A Turquia, na Europa e Marrocos, ás portas da mesma Europa, o serralho e o alfanje, não estabelecem contraste irrisorio perante a letra do código fundamental de povos que proclamam principios christãos e liberdades plenas?

E sem embargo, de Aljeiras poderá provir a guerra, da culta Alemanha sair a primeira voz de fogo, da liberrima Inglaterra transmitir-se a ordem de combate ás esquadras poderosas aparelhadas nos exercicios frequentes.

Aljeiras!—O direito da bête (o da força) quanto dista «da força do direito», e quando «a existencia da solidariedade humano-divina», será um facto consumado nos fâstos das gerações humanas?

Haverá razão no futuro, o auctor das proposições transcritas atrás?

Não as anulará na cena histórica dos acontecimentos, o palpavel da sentença contida no assérto que tomei para epigrafe na prosa dum poeta?

Miguel d'Arriaga, auctor das mesmas proposições, pelo menos, resumiu, imprimindo-lhes contôrno de poesia, vastos ideaes de realisação possível.

A creança influe no modo de ser das sociedades e desanuvia o olhar tórvo da propria ferocidade tirana e despótica.

Não foi de balde concedida ao berço da infandade a aureola da innocencia, nem tão pouco de balde existem laços misteriosos que cativam seres de sexo diferente, unindo corpos num mesmo amplexo d'amor e consubstanciando individuos na elaboração perfeita dum cerebro comum.

Esta especie de fenómenos fórma o exercito dos inimigos da maquina de guerra e do «thrôno de Gaim».

O dominio caberá por direito ao sentimento delicado que inspira actos sublimes e arrôjos de artista, e a aguija simbólica de morte que se alijera e equilibra na rejão das nuvens ha de abatêr, submissa, o vôo audaz diante da intimação do amor emanada do espirito fraternal.

O presidente Roosevelt, em que circumstancias conquistou, espontaneas, as sympathias publicas, no mundo inteiro e foi, verdadeiramente, heroe immaculado: em Cuba, avançando impertérrito, á testa da cavalaria americana, ou, sementeiro de paz, congraçando japonses e russos no curso ardoroso do flagelo duma guerra exterminadora?

O hino, que irrompe unanime de todos os peitos, saudando o astro da bonança em toda a parte onde êle surge, depõe favoravelmente em relação á creatura racional, de essencia incompatível com o amargor do fél criminoso e pronta sempre a sorrir ás cintilações rutilantes.

O arco-iris fascina-nos, quando se destaca, nido, nos seios da atmosphera; no gorjeio das aves alguma coisa ha que nos prende e encanta; o oceano entontece-nos enlevando nos; os acordes da musica dulcificam e causam delirio; a beneficencia voluntaria e recatada, a estetica do carâter moral revelada na belesa das dedicações, nos processos da equidade e nas isenções nobilissimas, concentram-nos em religioso recolhimento das facultades, comovidas e edificadas.

Dois pólos dividem, portanto, o animal humano, sob o ponto de vista psicologico: o pólo em que predomina a «bête» propriamente dita, e o pólo em que a supremacia pertence ao entendimento clarificado no crisol da purêsa.

Coexistem, porém, estes dois pólos no intimo de cada ser, e ahí travam a luta das solicitações imponderaveis, á qual não são estranhos o orgulho sobranceiro e o egoismo cruel.

Quantos seculos serão precisos para que a alma isolando-se da paixão viciosa e deprimente, se engrandêça no cadinho místico do afêto generoso, e o radique no «imperio da creança», e o robustêça no respeito da mulher emancipada afinal

pelo proceder genuino de sua dignidade honesta?

Aferindo pela ascensão prodijiosa do presente os factos do passado, já perdidos na noite de tempos remotos, será licito imaginar no homem do porvir, melhor orientação psiquica e menor impulso de intensidade concernente a focos de incidencia material?

Um véu tenebroso encobre o futuro, sempre cheio de surpresas e de lições grandiloquas; mas não julgo uma utopia vaticinar, em presença das aquisições scientificas dos nossos dias, em que avultam maravilhas traduzidas no assombro do radio e da telegrafia sem fios. não julgo uma utopia vaticinar, repito, uma era de iris e de risonha esperanza, em que a carne ocupe o segundo lugar, e o amor cresça e medre na escola do trabalho educado, na lei da consciencia réta, no aprumo da propria divinisação solidaria.

Antes de ser alcançado um tal nimbo de ventura social, ha muitissimo que derruir o camartêlo civilizador no invio da protêrvia e no reduto do crime audacioso; mas que importa? progredir é preceito de Deus, aspiração lejitima, e inebriante perfume das almas!

D. FRANCISCO DE NORONHA.

LITERATURA RUSSA

BOLES

POR
MAXIMO GORKI

(Concluido do n.º 979)

Escute — lhe disse eu.

E ahí está, sempre que conto esta historia, e chego a este ponto, fico logo em um estado absurdo... pieguice! pois não acha?... —Escute,—lhe disse eu, pois.

Ella, levanta-se d'onde estava, investe para mim, com os olhos a luzir, e pega a cochichar... ou, mais exactamente, a zumbir com aquella sua voz de baixo-profundo, e assenta-me as mãos nos hombros.

—E d'ahi, que tem isso? Hein?—Sim, é assim mesmo! Não existe Boles, de qualidade nenhuma... e Terêsa, ainda menos!... E ao senhor, que lhe importa? Custa-lhe muito rabiscar para ahí com a penna uns gatafunhos no papel? Deixe lá! Ora o senhor... que é assim... tão branquinho e tão-aceadinho!... Qual Boles, nem qual Terêsa! —o que ha sou eu só e mais ninguem! E então, isso que importa, hein?

—Ha de permittir... disse eu,—atordoado com semelhante recepção,—de que se trata?... Não existe o Boles?

—Pois já se vê que não!... E então que tem isso?

—E Terêsa, tambem não existe?

—E Terêsa, tambem não! a Terêsa sou eu...

E eu sem perceber patavina: Arregalo os olhos para a ver melhor, e tento compreender qual de nós dois perderia o juizo. E ella volta para a mês, rebusca por instantes, torna a vir ter comigo, e em tom de offendida, profere:

Visto que lhe custa tanto escrever ao Boles, então ahí tem a sua carta, leve a! Alguem haverá que m'a escreva...

E vejo que tenho na mão a carta para o Boles.

Já viram uma mulher assim!

—Ora escute, Terêsa, que quer isto dizer? Que necessidade tem de que outros lhe escrevam, se eu escrevi em seu nome, e se não enviou a carta?

—Para onde?

—Para onde havia de ser... para o Boles?

—Mas se é coisa que não existe!

E eu cada vez a perceber menos! O meu ultimo recurso era rir-me d'aquella historia toda e abalar. Explicou-se ella

—E d'ahi?—disse ella em tom de offendida—Se não existe, tanto peor! —E abriu os braços, como se não compreendesse porque razão não existia. —E quem me dera que existisse um... Não serei uma mulher como qualquer outra? Ah! sim... sei... sei muito bem... Mas não faço mal a ninguem, pois não é verdade?—Vou-lhe escrever... E ahí tem, o senhor escreveu-me uma carta para o Boles, e eu, dei-a a outra pessoa para m'a ler; e quando m'a lêem, escuto, e digo comigo que existe, o Boles! E peço que me escrevam do Boles para a Terêsa... para mim. E se me escreverem essa tal carta e m'a lêrem, então, ficaria acreditando de todo em como existe um.

E assim, menos me custaria a supportar esta vida.

...Sim... Diabos me levem!... Pois bem, desde aquelle dia, tenho escrito regularmente, duas vezes por semana, cartas ao Boles á Terêsa.

E com que esmero não-redigia eu as taes respostas...

E ella a escutar, lembro-me bem, e a chorar muito de rijo... a chorar com uma vozeirão de baixo-profundo. E em paga das lagrimas que eu a fazia verter com as cartas do tal imaginario Boles, concertava-me quantos buraquinhos encontrava nas minhas piugas, nas minhas camisas, e assim por deante. Depois, obra de três meses posteriores a esta historia, pregaram com ella na cadeia, não sei porque? E agora, terá morrido, certamente.

O meu amigo assoprou a cinza do cigarro, olhou para o céu, a scismar, e acrescentou:

Sim, quanto mais uma creatura humana provou da amargura, tanto mais ardente é a sua sede de doçura. Nós não compreendemos isto, nós, cobertos com o nosso capote de virtudes rançosas, e a olhar uns para os outros, através do cendal da embofia e da convicção da nossa infalibilidade universal.

E d'ahi resulta qualquer coisa de muito asnatico... e muito cruel. Dizemos: Uns decaídos... E que vem a ser os decaídos?... Antes de tudo... homens; os mesmos ossos, o mesmo sangue, a mesma carne e os mesmos nervos do que nós.

Tem no-lo lanzoado aos ouvidos todos os dias, ha seculos. E nós, a escutar, e... por Deus, que absurdo! Ter-nos-êmos tornado surdos de todo, porventura, á força de escutar os humanos sentimentos prégados em tão alta voz?... Na essencia, nós mesmos, somos tambem uns decaídos, e profundamente decaídos... em um abismo de duvidas de toda a casta, e da creença na superioridade dos nossos nervos e dos nossos cerebros sobre os cerebros e os nervos d'esses seres que apenas são menos astutos do que nós, e sabem menos bem do que nós passar por bons. Mas... basta a semelhante respeito...

E' tão velho, tudo isso... que uma pessoa envergonha-se de o repetir... E' tão velho... tão velho!...

M. MACEDO.

NECROLOGIA

Commendador Francisco Lourenço da Fonseca

Na avançada idade de 88 annos falleceu em Lisboa, no dia 9 do corrente, este benemerito e prestante cidadão, que na infancia da vida, levado ao Brasil, onde tantos milhares de portuguezes vão dar o seu sangue ao trabalho incessante, na grande lucta da existencia, lá se lhes aviva o amor da patria, que idolatram em seu coração affectuoso, a qual desejam engrandecer e elevar acima de tudo, constante soho do expatriado.



COMMENDADOR FRANCISCO LOURENÇO DA FONSECA

Foi d'estes bons filhos de Portugal o commendador Francisco Lourenço da Fonseca, a quem não faltou intelligencia e vontade para bem servir o seu pais, em tudo que o engrandecesse, lhe desse brilho e honra, desinteressadamente, sem outros proventos mais que a satisfação intima de ser util, de vêr progredir os emprehendimentos

de sua iniciativa e tantos outros que n'elle encontraram poderoso auxiliar.

Francisco Lourenço da Fonseca passou o melhor de sua mocidade no Rio Grande do Sul, onde esteve uns trinta annos, e ali, com seu trabalho activo e intelligente, adquiriu bons meios de fortuna de que não foi avaro, pois prestou relevantes serviços á colonia portugueza, sendo um dos que mais concorreu para a fundação do Hospital e Capella dos Portuguezes.

Por 1862 regressou a Portugal onde a sua actividade e desejos de ser util encontrou logo vasto campo para exercer no desempenho da direcção do Asylo de Santa Catharina, a que prestou, na sua longa gerencia, desvelos verdadeiramente paternos.

Fundava-se por esses tempos a Sociedade Promotora de Bellas Artes e Francisco Lourenço da Fonseca, sendo um dos seus primeiros subscriptores, fazia parte da direcção como thesoureiro, cargo que desempenhou por espaço de dez annos, prestando a esta agremiação todo o concurso dos seus bons serviços, o que lhe valeu ser distinguido por El-Rei D. Luiz, presidente d'aquella sociedade, com a commenda de Christo e receber o diploma de Academico de Merito.

O professor Victor Bastos havia feito um projecto de monumento a Camões, projecto que mostrou a alguns amigos e pessoas de influencia, de que resultou organizar-se uma commissão para se construir o monumento ao grande epico. Nessa commissão, em que entraram homens de alta cotação social, como o duque de Saldanha e outros, a ella logo se associou o commendador Francisco Lourenço da Fonseca, que foi dos membros mais prestantes, obtendo donativos da colonia portugueza no Brazil, que muito auxiliaram a realisção d'aquelle intento.

A Commissão Central 1.ª de Dezembro de 1840, teve no commendador Francisco Lourenço da Fonseca um dos seus membros mais dedicados e entusiastas, pois não só foi seu thesoureiro, como d'elle partiu a idéa de se levantar o monumento aos Restauradores de Portugal, para o que alcançou tambem importantes donativos da colonia portugueza no Brasil, desenvolvendo n'este empenho todo o zelo e actividade, que teve a grande satisfação de ver coroada do melhor resultado.

Outro importante serviço deve Lisboa á iniciativa e intelligencia do benemerito extinto. Referimo-nos a esse grande melhoramento realisado na nossa capital e do qual partiram tantos outros que a tem transformado completamente, engrandecendo-a e embellezando-a.

O commendador Francisco Lourenço da Fonseca foi chamado á vereação da Camara Municipal de Lisboa. N'este cargo, o seu genio activo e reformador affirma-se em importantes melhoramentos, nos Passeios da Estrella e de S. Pedro d'Alcantara, promove a arborisação na cidade, o embellezamento dos chatarizes, e de sua larga iniciativa é a proposta apresentada em sessão camarária de 24 de janeiro de 1876, concebida n'estes termos:

«Senhores. — Proponho que a Camara Municipal de Lisboa sollicite, com urgencia, do governo, uma lei de expropriação, por zonas, afim de lhe conceder o terreno preciso para o rompimento de uma avenida que parta em toda a largura do Passeio do Rocio, e pelo valle que medeia entre as ruas do Salitre e de S. José, com direcção a S. Sebastião da Pedreira; alongando-se e alargando-se convenientemente para se formarem novas praças e ruas, de sorte que se dêem a esta Camara terrenos espaçosos para novas edificações e embellezamentos em tudo dignos d'esta cidade, a mais bem situada da Europa, e a mais favorecida da Providencia, pela amenidade do seu clima.

24 de janeiro de 1876. — Francisco Lourenço da Fonseca.»

Esta iniciativa bastaria para impôr á gratidão publica a memoria do benemerito portuguez que tanto se esforçou em servir honrada e desinteressadamente a sua patria.

Mais teriamos a numerar de seus serviços se o espaço não nos obrigasse a resumir esta homenagem que prestamos ao que foi nosso prezado amigo de quem conservamos boa lembrança.

Receba sua illustre familia a expressão do nosso sentido pesar.

Dr. Luiz d'Almeida e Albuquerque

Era o decano do professorado e do jornalismo portuguez, que a um e outro dedicou sua vida e em ambos foi superior.

Honrado caracter, austero no cumprimento do dever, tal foi o dr. Luiz d'Almeida e Albuquerque que se finou no dia 3 do corrente, na sua casa

da rua Belver, cercado pelos carinhos de sua filha D. Luiza, companheira da sua velhice e a quem elle muito queria, dedicando-lhe ainda não ha muito, no Natal do anno passado, uma poesia em que falla o coração do pae estremoso nos ultimos versos:

Ouviria que no termo
Em que a vida se exhalar
Nesse solemne momento
Quero a tua mão beijar

E nesse adeus derradeiro,
(E não longiquo antevejo)
Que tu me cerres os olhos
E' meu supremo desejo.

E assim foi. Sua vida não se alongou muito; seus olhos foram cerrados pela mão piedosa e querida que elle

Nesse solemne momento
Quero a tua mão beijar.

Feliz velhice que as ambições e vaidades do mundo não inquietaram. Soube apartar-se d'ellas, no convívio dos livros, no desejo de saber, de illustrar seu espirito, para o integral desempenho da sua missão o ensino, preocupação de toda a sua vida, que nem a canceira nem a idade esmoreceu.

Sessenta annos de professorado, quarenta de jornalista são os titulos honoríficos que outros não quiz o dr. Luiz d'Almeida e Albuquerque, para se impôr á consideração e respeito dos seus concidadãos. Ainda não ha muito os seus collegas do corpo docente da Escola Polytechnica, de que elle era director, lhe dirigiam uma mensagem de felicitação por ter completado sessenta annos de lente n'aquella escola.

Equal manifestação lhe fez em 1894 quando elle completou o seu cincoentenario de professorado, o mesmo corpo docente, offerecendo-lhe um tinteiro de prata acompanhado da seguinte mensagem, documento altamente honroso para a memoria do fallecido que aqui deixamos archivado.

«Querido collega e director. Ao terminar o presente anno lectivo, que marca o cincoentenario da vossa regencia na Escola Polytechnica, e que é como que o jubileu da vossa honrada e prestimosa vida academica, não podemos deixar de nos congratular, vendo-vos attingir esse periodo adiantado da carreira professoral, na plenitude da actividade e da saude.

«Subtrahindo-se a vossa natural simplicidade de indole a mais expansivas demonstrações, esperamos de vossa amizade que vos dignareis aceitar, com o affecto com que vos é endereçada, a pequena lembrança que juntamos e que ficará apenas, para vós e para os vossos, como o documento material dos sentimentos de consideração e de estima que, em tão larga camaradagem, os vossos meritos de caracter e de intelligencia fundaram no coração dos vossos collegas de hontem e de hoje.

«Escola Polytechnica, 30 de julho de 1894 — Ao Ill.™ e Ex.™ Sr. Luiz d'Almeida e Albuquerque, lente e director da Escola Polytechnica. — Antonio de Serpa Pimentel, Augusto José da Cunha, Luiz Porphirio da Motta Pegado, conde de Ficalho, Adriano Augusto de Pina Vidal, Marianno de Carvalho, Conde de Macedo, Joaquim de Vasconcellos Gusmão, Alfredo Schiappa Monteiro, Moraes d'Almeida, dr. Patrocínio, F. Matoso dos Santos, Eduardo Burnay, Antonio Francisco da Costa Lima, Francisco Ferreira Roquette, Balthazar Osorio, Antonio X. Pereira Coutinho».

Eram estas honras com que o distinguiam, como recompensa do seu grande trabalho, que o dr. Luiz d'Almeida e Albuquerque mais estimava, porque diziam á sua consciencia que elle cumpria bem o seu dever.

Eram assim os homens da sua tempera e que cada vez mais vão rareando.

Quando, no governo de Costa Cabral a imprensa vivia amordaçada pela lei das rolhas, uns sessenta liberaes assignaram um protesto contra essa arbitrariedade, o dr. Luiz d'Almeida e Albuquerque foi um dos signatarios. Dos que ali firmaram seu nome só resta, que o sabemos, Buihã Pató e o dr. José Vicente Barbosa du Bucage.

Uma vez ou outra lhe havia de emborçar seu espirito alegre a lembrança de tantos companheiros e amigos das luctas liberaes que tem ido repousar no eterno somno da morte. Entretanto essas lembranças não abatiam a vivacidade de seu espirito nem a energia do seu character. Contando cerca de 87 annos conservava a mesma força de vontade, a mesma clareza de ideias, que tornava a sua conversação interessante e viva, recheiada de historias e aneddotas a proposito, onde havia

a intenção critica e philosophica, d'um espirito que não envelhece.

Quando presentio que a morte se avizinhasse soube preparar-se para a receber como lei fatal que tinha de cumprir-se.

Conservou aquella serenidade e coragem que sempre o acompanharam. Dispoz que sua mortalha fosse um simples lençol e o funeral o mais modesto como modesta fóra a sua vida despendida de vaidades.

Nem uma corôa, nem uma flôr a cobrir-lhe a mortalha, mas muitos corações pesarosos acompanharam seu corpo á ultima morada, n'um cortejo numeroso e imponente de tudo que a sociedade de Lisboa tem de mais lidimo nas sciencias, na politica, na magistratura, no commercio, na academia, etc.

A sua illustre familia e á redacção do *Jornal do Commercio* enviamos nossas condolencias.

Eis algumas notas biographicas:

Luiz d'Almeida e Albuquerque nasceu em Serpa a 2 de junho de 1819, filho de Bento Vieira d'Almeida e Albuquerque. Depois d'estudos regulares e activos seguiu para Coimbra, onde recebeu o grau de bacharel em direito em 1842 com accessits no 2.º e no 4.º anno; proseguindo na formatura, doutorou-se em 1843 *nenime discrepante*.

Em 19 de dezembro d'esse mesmo anno foi aberto o concurso ao provimento do logar de lente substituto da cadeira d'Economia Politica da Escola Polytechnica de que era lente proprietario o grande José Estevão. Eram competidores João José Pereira Palha de Faria Lacerda, Miguel Carlos de Novaes e Sá, Sebastião José Ribeiro de Sá, Sebastião da Silva Faria e Luiz d'Almeida e Albuquerque. Foi este ultimo o proposto, depois de um brilhante concurso, sendo nomeado lente da 10.ª cadeira por portaria do duque da Terceira.

Em 1846 entrou como redactor na *Illustração*; em 1847 foi nomeado secretario geral do governo civil de Braga; em 1848 collaborou activamente no *Lusitano*; em 1849 no *Farol*, e em 1852 no *Paiz*.

Neste anno foi nomeado secretario do governo civil de Lisboa. Em 17 de outubro de 1853 fundou o *Jornal do Commercio*, cuja propriedade passou em 1881.

Em 1858 foi encarregado da gerencia da cadeira d'Economia Politica do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa; em 1859 foi eleito vereador da camara municipal d'esta cidade, logar a que voltou varias vezes reeleito. E' a elle que se deve o jardim do Principe Real, assim como o bello jardim Botânico da Escola Polytechnica.

Em 1862, por morte de José Estevão, foi nomeado proprietario da cadeira d'Economia Politica na Escola Polytechnica.

Exerceu por varias vezes o logar de director do Instituto Industrial, de que foi ultimamente exonerado em 1887, sendo no mesmo anno nomeado vogal do conselho industrial e commercial.

Em 1860, tendo fallecido Andrade Corvo, assumiu, por ser o mais antigo e pela escusa de Latino Coelho, a direcção da Escola Polytechnica. Pertencia ao Conselho Geral das Alfandegas e era fiscal do governo junto da Companhia das Aguas.

Foi um dos fundadores da Commissão de Beneficencia da Freguezia de Santa Catharina de que era presidente da assembleia geral.

De livros seus só conhecemos o de *Principios de Economia Politica*, sciencia de que era professor, como ficou dito.



Regenerada — (romance original) por Pedro Tavares, Lisboa, Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso, 1905. O grande Camillo, o extraordinaria mestre, ácerca d'este livro diria: — Não merece a pontuada da critica! E de facto, sendo um livro de idéas magnificas é mal redigido!

Com respeito á idéa, fazemos nossas as palavras do distincto professor dr. Candido de Figueiredo: O livro na sua concepção, tem por alvo uma lição moral sobre a extemporaneidade com que os dirigentes do nosso povo procuram adaptar a este as conquistas da civilização, antes de o prepararem para ellas. N'esse intuito, o auctor aproveita os casos que mais frequentemente se lhe

deparam no viver nacional, e, relacionando-os com factos celebres da historia, produz um generoso ensaio de saneamento moral e social.

Ha um capitulo apenas segundo a minha modesta opiniao, que dá valor ao livro — é o xvii — *Caridade insensata*.

Como o espaço nos sobra, vamos dizer apenas porque é mal redigido: a palavra *civilização* é empregada vezes sem conto; a pag. 13 lê-se: N'um dia de novembro de inverno frio e ventoso, d'um frio e d'um vento de gelar. Ser am seis da manhã, manhã brumosa, e outras muitas repetições que nos abstemos de apontar. O auctor — a quem não conhecemos — e o editor, na pessoa de Gomes de Carvalho, que nos perdõem estes reparos, mas com franqueza são justos. Agradecemos penhoras a Gomes de Carvalho a gentileza da offerta e pedimos nos desculpe a rudeza da critica.

Relatorio bibliographico das obras que tratam da India e possui a Bibliotheca Nacional de Nova Goa — por José Maria Barros de Valladares — Nova Goa — Typ. da Casa Luso-Franceza — 1905. — Sobre a nossa banca de trabalho temos ha já mezes dois exemplares do folheto, cujo titulo nos serve de epigraphe, delicada offerta do auctor para a redacção d'esta revista e para quem firma esta ligeira noticia.

Este folheto, de 32 pag., não é bem um trabalho bibliographico, pois lhe escasseiam as notas essenciaes para semelhante trabalho. E' falho de nome dos editores, typographias, formato, numero de volumes, indicação de obras illustradas e mais algumas que fariam o complemento do seu trabalho de bibliographia indiana. E' comtudo — o que não se pôde nem se deve coartar — um valioso elemento para algum trabalho de maior monta. Como *Introdução* cita-nos o sr. Valladares as obras geniaes em sanscrito e seus auctores, alongando-se no assumpto, sem que enfaste, em dez paginas; a terminar o folheto, nitidamente impresso, em bom papel, um *Subsidio para a historia do jornalismo na India Portuguesa*, realmente curioso, postos em ordem chronologicamente, os titulos dos jornaes portuguezes publicados na India, abrangendo o periodo decorrido de 1821 a 1904. Não desanime, porém, o sr. Valladares, com esta nossa humilde opiniao, porque o seu trabalho não sendo completo, é aliás um bom subsidio para um estudioso. Agradecendo penhoras a gentileza da offerta, só pedimos nos releve a franqueza da opiniao.



DR. LUIZ D'ALMEIDA E ALBUQUERQUE

Guitarradas — Fados — I — Mottes conhecidos glosados alegremente por Mazagão. — Lisboa — Imprensa Commercial. — Com uma espirituosa dedicatoria recebeu o auctor d'estas linhas um folheto de 12 paginas em que Mazagão — pseudo nymo de um modestissimo poeta de grande valia — nos glosa com espirito irrequieto e buliçoso uma serie de quadras do Hilario. São 12 e tão alegres são que por gosto todas trasladariamos para aqui. Para amostra colhemos esta para que o amavel leitor veja que não o illudimos com a opiniao que do folheto temos.

Principia pelo *motte* — do Hilario — se a memoria nos não atraiçoa:

Nossa Senhora faz meia
Com linha feita de luz,
O novello é a lua cheia,
As meias são para Jesus.

Ouvi que Nossa Senhora
Tinha a morada no céu,
Pois até lá galguei eu
E a porta achei sem demora.
Puz-me a espreitar cá de fóra
E vi que acabava a ceia,
E então, á luz da candeia,
Que por ser velhinha pecca,
S. Pedro dorme a somneca,
Nossa Senhora faz meia.

Pasmado notei que a linha,
Com que ella as meias fazia,
A meus olhos reluzia
Pelo brilho intenso que tinha.
Cá da porta pela gretinha,
Com mais attenção me puz,
E aquellas meias de truz
Vi que eram feitas então
Não com linha de algodão,
Com linha feita de luz!

No chão, dentro d'um cabaz
De verga, se não me engano,
Vejo o novello, e o magano
Que impressão á vista faz!
O corpo cá do rapaz
D'assustado cambaleia,
A cabeça me estonteia,
Quasi que ceguei ao vê-lo!
Sabem o que é o novello?...
O novello é a lua cheia!

As meias eu quiz comprar,
E entrei dentro p'ra saber
Se eram meias p'ra vender
A quatro vintens o par.
S. Pedro, que ouviu fallar,
Puxa p'ra traz o capuz,
Chegando ao meu rosto a luz
Diz, erguendo-se do solo:
— Você, vê-se bem que é tolo...
As meias são p'ra Jesus!

Decerto os leitores acharam chiste ás glosas transcriptas, pois as restantes são assim. E' um folheto de cincoenta réis, editado pelo sr. Saraiva, proprietario de uma tabacaria em frente das grades da sachristia de S. Domingos, um cavalheiro tão amavel como o Mazagão a quem dirigimos o agradecimento pelos exemplares offerecidos ao OCCIDENTE e a este seu creado.

xv — II — CXXV.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (à P. Luiz de Camões) — LISBOA

A melhor agua de mesa conhecida

AGUAS MINERAES DO MONTE BANZÃO-COLLARES
GAZOSAS LITHINADAS

Deposito geral:

Rua do Arco do Bandeira, 216, 1.º
LISBOA

EMPRESA DE CARRUAGENS FIDELIDADE

Proprietario — JOÃO FILIPPE DA FONSECA JUNIOR
N.º TELEPHONICO 500

Aluga Coupés, Mylords, Caleches, Landaus e Clarences
PARA TODOS OS SERVIÇOS

Rua de S. Bento, 46 — LISBOA

E no ESTORIL, Parque do Ex.º Sr. José Vianna

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.ª

Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

N.º telephonic, 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

Santos Camiseiro

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25 — ROCIO

«— LISBOA —»

Sempre bom sortido de camisas, camiselas, meias, peugas, gravatas, punhos, collarinhos e muitos outros artigos de phantasia, como botões para collarinhos e punhos, carteiras, malas para viagem e lençaria.

ESPECIALIDADE EM CAMISAS PARA CASACA

(o que ha de mais moderno)

Executa-se toda a rouparia por medida

Methodo Berlitz

LISBOA

R. do Alecrim, 20 A
1.º e 2.º andar

PORTO

Rua Sá da Bandeira, 239

Ditas medalhas de ouro e prata
Exposição Universal de Paris de
1900 Grand Prix —
Exp. de S. Luiz 1904
Esp. de Liege

THE BERLITZ SCHOOL OF LANGUAGES
Academia de Linguas Vivas

Ensino pratico
POR

Professores estrangeiros

Professores de S. M. El-Rei D. Afonso XIII
Professores de S. M. o Principe Real da Alemanha
Professores de S. M. o Principe Friedr. Will. da Prussia, etc.

ENSINO INDIVIDUAL e em CLASSES GERÁES, separadas para HOMENS e SENHORAS
Allemao, inglez, francez, italiano, hespanhol, portuguez

Os cursos da Academia BERLITZ fucclonam todos os dias das 8 da manhã ás 10 horas da noite